

O OnlyFans, pornotopia ou busca de sentidos?¹

Thiago Tavares das NEVES²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Gabriela Cleveston GELAIN³
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

Fernanda Elouise BUDAG⁴
FAPCOM e FECAP, São Paulo, SP

RESUMO

O objetivo deste texto é problematizar a plataforma OnlyFans, serviço de conteúdos por assinatura iniciado no Reino Unido, como um fractal por meio do qual podemos enxergar uma simbiose entre sexualidades, urbanidades e as tecnicidades contemporâneas. Além de realizarmos um levantamento teórico acerca de OnlyFans, questionamos se este seria uma possibilidade pornotópica (PRECIADO, 2020) ou uma busca desenfreada por uma explosão de sensações, *sensation seeking* (TÜRCKE, 2010), ao colocar o gozo como um imperativo da cultura. Estes foram pressupostos dos quais partimos e que suscitaram ao fim novas observações e questionamentos: há nesse espaço o consumo audiovisual de corpos dissidentes? Para além da ética do prazer, estes corpos situam as práticas na plataforma no campo da audiovisualidade?

PALAVRAS-CHAVE: OnlyFans; pornotopia; *sensation seeking*; audiovisualidades.

INTRODUÇÃO

De um lado, no contexto atual, temos em nosso radar OnlyFans que, com as palavras de como o serviço se autodefine, “[...] é a plataforma de assinatura para maiores de 18 anos que capacita os criadores [também chamados em outros momentos do site de ‘talentos’] a possuírem todo o seu potencial, monetizarem seu conteúdo e desenvolverem conexões autênticas com seus fãs” (SOBRE, 2023). Lançada em 2016, a empresa tem sede em Londres e, apesar de hospedar criadores de gêneros de conteúdos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor e Mestre em Ciências Sociais pelo PPG em Ciências Sociais da UFRN, com pós-doutorado pelo PPG em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP, e-mail: nevethiago1@hotmail.com.

³ Doutora pelo PPG em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, Mestre em Comunicação pela UNISINOS, jornalista pela UFSM, e-mail: gabrielagelain@gmail.com

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP), com pesquisa de pós-doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM-SP). Professora nas instituições FAPCOM e FECAP (São Paulo, SP), e-mail: fernanda.budag@gmail.com.

variados, é muito mais popular por seu conteúdo sexual/pornográfico, integrando a indústria do entretenimento adulto e operando no mercado das audiovisualidades (ROCHA, 2010).

Por outro lado, antes, a partir das décadas de 1950/60, temos a Playboy, para cujo estudo Preciado (2020) invoca o conceito de heterotopias, de Foucault, segundo o qual estes seriam contraespaços em que as regras morais ficam em suspensão temporária, acionando outras formas de poder que fogem das convencionais e dominantes socialmente. É uma vez que a Playboy reinventa as utopias sexuais, ela se configuraria enquanto pornotopia, que para Preciado (2020) é caracterizada por sua possibilidade de arquitetar relações entre sexualidade, gênero, pornografia, prazer, espaço (doméstico e público) e tecnologia, modificando as convenções sexuais ou de gênero. “A invenção da pornotopia é a produção de uma domesticidade orquestrada e coreografada com dispositivos técnicos de vigilância e de reprodução audiovisual” (PRECIADO, 2020, p. 85). Isso em um período histórico que Preciado (2020) chama de Era Farmacopornográfica, marcada pela emergência da produção de fármacos e regimes para controle do corpo e da subjetividade; entrando a Playboy neste combo. Para Preciado (2020), a pornotopia Playboy é fruto de um processo de mercantilização da vida privada. O prazer desde então seria resultado do fluxo contínuo de informações e imagens, típico do momento efervescente no campo da informática e comunicação de massa – intensificada agora com o digital e pós-massivo.

Portanto, está implícito em nossas discussões um certo pressuposto para um paralelo que traçamos entre a pornotopia Playboy de Preciado (2020) e a pornotopia OnlyFans que estamos esquadriando: assim como décadas atrás a Playboy fez emergir todo um imaginário de corpos e sexualidades, hoje OnlyFans vem assumindo esse lugar de *espaço pornotópico hegemônico*, fazendo ressoar novos *ethos* e práticas sociais. Paralelo traçado também com um olhar crítico, dadas as especificidades históricas e, sobretudo, econômicas. Se o homem consumidor-ideal de Playboy dos anos 1950/60 antecipou o trabalho flexível (PRECIADO, 2020), hoje *creators* do OnlyFans têm na plataforma uma alternativa de renda que é resultado também da precarização do mundo do trabalho globalmente, que exige que estes sejam criativos e enxerguem na visibilidade e performance de seus corpos uma possibilidade para sobrevivência financeira.

Buscamos também entender as audiovisualidades no contexto do OnlyFans, bem como o papel dos corpos-mídia nesse cenário da venda de fotos e vídeos dos criadores de conteúdo atrelados à indústria pornográfica, um pornô da lógica do *DIY (do it yourself)*, da personalização e individualização da produção de fotos e vídeos autorais.

Não podemos esquecer também que a plataforma não somente é produtora mas também produto de uma sociedade excitada (TURCKE, 2010), viciada em sensações, prazeres, gozo. Uma sociedade em que a emissão virou condição de existência e ontológica, quem não emite não é, está midiaticamente morto. Importante também ressaltar que o OnlyFans se encaixa também no fenômeno da plataformização ou uberização das relações trabalhistas. O gozo virou condição existencial/ontológica na nossa cultura? Gozo mediado por audiovisualidades (ROCHA, 2009)? Tanto por parte de criadores de conteúdo quanto por parte de consumidores e fãs da plataforma? São todos questionamentos pelos quais passamos. Por fim, neste artigo buscamos realizar um estudo teórico sobre o OnlyFans trazendo algumas exemplificações sem nos determos a nenhuma parte empírica.

ONLYFANS: PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DA PORNOGRAFIA

Conforme já sinalizado, OnlyFans é um serviço de conteúdo de origem britânica. Distintamente de plataformas de *streaming*, no OnlyFans o usuário não tem acesso irrestrito a todo o catálogo. Ele faz o seu cadastro gratuitamente e, apesar de haver páginas de criadores de conteúdo gratuitas, o acesso na maioria dos casos se dá via assinatura (mensal, trimestral, semestral ou anual) ou compra avulsa (*pay-per-view*) do conteúdo dos produtores que ele escolhe. Mais ou menos na lógica de outras redes sociais, há uma página de *feed* que apresenta os conteúdos dos perfis seguidos/assinados.

Os criadores de conteúdo – ou trabalhadores sexuais – do OnlyFans ficam com 80% do valor recebido, enquanto os outros 20% vão para a plataforma, que hoje conta com aproximadamente 220 milhões de usuários e 3 milhões de criadores de conteúdo (REDAÇÃO STARTUPS, 2023).

Os conteúdos disponibilizados pelos produtores giram em torno de fotos sensuais com roupa, fotos nuas, vídeos de masturbação e vídeos de sexo explícito com

parceiros que ficam disponíveis aos assinantes; ou ainda todo esse material pode ser produzido personalizado sob demanda.

Heloísa Fleury, psicóloga, lista algumas possíveis motivações para os produtores de conteúdo buscarem pelo OnlyFans: “A exposição pode ser uma fonte de renda, uma necessidade de ser visto, uma motivação emocional ou reação a uma história de vida repressiva” (NEIVA, 2023). Em uma dessas direções, portanto, as visualidades e audiovisualidades disponibilizadas no OnlyFans podem servir para alimentar fetiches tanto do produtor de conteúdo quanto do fã/consumidor. É o caso de uma criadora de conteúdo entrevistada pela Gama Revista, que vislumbrou ali um espaço para concretizar sua vontade antiga de exibição de seu corpo:

Logo que começou a fazer transmissões pela internet, uma camgirl que prefere não se identificar conta que era mais uma questão de fetiche. *“Havia algum tempo que eu já tinha vontade de me exhibir para outras pessoas.”* Com 20 anos na época, a jovem tinha acabado de chegar a São Paulo para fazer faculdade e também precisava de grana para se manter. Como encontrou dificuldade para conciliar a carga de estudos com um trabalho formal, *“uniu o útil ao agradável”* (NEIVA, 2023, grifo nosso).

Na outra ponta, há os usuários buscando por fetiches; e a mesma criadora de conteúdo comenta a respeito: “Nesses anos todos, uma coisa que a camgirl aprendeu é que existem fetiches de todos os tipos — inclusive os bem fora da caixa, como sentir tesão por jaquetas puffer” (NEIVA, 2023). Em sua maioria, respondendo a padrões sociais e culturais estabelecidos, a uma histórica racionalidade machista que objetifica a mulher, além de resquícios também de uma lógica introduzida pela Playboy, a maioria dos corpos expostos no OnlyFans são femininos; o que também pode ser uma resposta à desvalorização da mulher no mercado de trabalho, obrigando-a a buscar outras fontes de renda. Desses corpos femininos, grande parte dos que performam na plataforma são corpos típicos e que seguem o padrão normativo aceito socialmente e pregado hegemonicamente pela mídia: magro, cisgênero e branco. Contudo, há, sim, corporalidades dissidentes, que inclusive encontram no OnlyFans e em sites semelhantes um lugar e uma realidade em que se veem mais aceitos – ainda que como objeto de satisfação de desejos. Ágata, uma mulher trans, deixa claro em seu relato o quanto sua (trans)sexualidade em relações íntimas sempre foram um problema para ela antes desses ambientes on-line em que seu corpo pode existir (e ser desejado) como realmente é, trans, sem estar escondido sob uma fachada cis:

"Até essa altura da minha vida, eu tinha uma sexualidade bem fechada. Todas as minhas relações eram perseguidas pela condição da minha transexualidade. Era cansativo ter de sempre esclarecer isso em um ponto em que essas relações já estavam mais íntimas. Apesar de eu ser bissexual, tenho maior interesse por homens cisgênero, a categoria de pessoas que menos compreende e, contraditoriamente, mais busca por mulheres como eu", conta. (GODOI, 2022).

Há uma multiplicidade de pessoas anônimas criadoras de conteúdo no OnlyFans, mas há também o caso de celebridades que encontraram ali uma nova forma de ganhar dinheiro e complementar suas rendas. É o caso da jogadora de vôlei e ex-integrante do BBB, Key Alves. Com a falta de oportunidades profissionais e de patrocínios, além do baixo salário no esporte (sobretudo às mulheres), ela reconheceu no OnlyFans uma alternativa para monetizar em um momento em que sua imagem está em alta:

[...] um empresário me mandou uma mensagem me dizendo que ele cuidava da plataforma [OnlyFans] e que eu tinha que fazer um perfil. Eu já postava fotos sensuais no Instagram e podia lucrar com elas. Eu topei. Só disse que não faria fotos nua, que não é do meu caráter, eu tenho família. Talvez mais pra frente, agora não. E ele me tranquilizou dizendo que as fotos sensuais vendiam bem e que preservariam minha imagem como atleta. Fazemos isso de um jeito perfeito. (POLO, 2022).

Para Alves, diferente dos outros casos mencionados, não fica evidente um prazer pela exposição de seu corpo ou pela exploração de sua sexualidade (pelo contrário, entrevemos pudor ou tabu) e, sim, fica evidente um interesse estritamente monetário. A atleta ainda complementa sobre seus lucros: "Esse dinheiro é fácil, eu faço sentada no sofá da minha casa. Posso falar que ganho 100 mil reais por mês só com o OnlyFans, sem contar outras propagandas e patrocínios que chegam pelo Instagram, que não são fixos." (POLO, 2022).

Para termos de contextualização, no início de 2023 o GShow (NORONHA, 2023) pesquisou onze perfis de pessoas famosas que estão no OnlyFans e, desse levantamento, o valor mínimo mais baixo cobrado para o usuário ter acesso aos conteúdos exclusivos é da cantora Anitta (US\$ 4,99 ou aproximadamente R\$ 25,31), enquanto o valor mínimo mais elevado é cobrado pelo ator Thomaz Costa (US\$20 ou aproximadamente R\$ 101).

AUDIOVISUALIDADES E CORPOS-MÍDIA: CORPORALIDADES NAS REDES

Concebemos de partida que o OnlyFans opera na camada das audiovisualidades, conceito proposto por Rocha (2009), que compreende o audiovisual a partir de dimensões sociotécnicas, filosóficas e antropológicas. Porém, para a autora, a produção excessiva, sem interrupção e indiscriminada de imagens engendra um paradoxo entre o visual e o visível, ou seja, quanto maior a produção de imagens dotadas de materialidade, menos intensa é a possibilidade de visibilidade, ou: o que muito se mostra, pouco se dá a ver, de acordo com a autora. Para Rocha e Zacariotti (2021),

a análise audiovisual expandida é tripartite, agregando dimensões técnicas/sociotécnicas, filosóficas e antropológicas. O texto audiovisual documental, como espaço de disputa por sentidos e sentires, remonta à constituição do olhar como lócus de poder, sinalizando um modo de se posicionar -sujeitos realizadores e sujeitos (re)presentandos -ante dinâmicas de reconhecimento, objetificação, representação exógena, exotização e dominação do Outro. Toda uma antropológica audiovisual é também aí articulada: indagamos sobre o acionamento imaginário e sociotécnico que correlaciona o produto audiovisual e sua estrutura a marcadores históricos, mas que evoca, como antrope-experiência, cartografias de um sensível arcaico, imemorial (ROCHA; ZACARIOTTI, 2021, p. 33).

Na camada audiovisual do Onlyfans, encontramos corporalidades saltando aos olhos para quem observa e consome a plataforma, ainda que sejam modos de corpos-mídia, um corpus na tela, um recorte corporal. Na visão de González-Victoria (2011), em nossa sociedade atual, o corpo se torna um referente, ou seja, há uma dimensão material (imagem e objeto) e imaterial do corpo. Ele ocupa um lugar na cidade, nas mídias, nas redes. O corpo é depósito de repulsa, de afeto, de desejo, mas também é uma potência reflexiva e de discurso, de significação.

Para além disso, o corpo é um veículo da comunicação com o próximo, na coletividade e no urbano: “Mas é preciso tornar mais complexo essa noção de corpo, mostrar o papel que nele desempenham as representações, as crenças, os efeitos da consciência [...] redobrando os pontos de referência imediatos, reorientando sua força e seu sentido.” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009, p. 8).

Para Corbin, Courtine e Vigarello (2009), a abordagem do corpo também mobiliza diversas ciências e obriga a variar os métodos de análise sobre as

corporalidades, bem como as epistemologias. Na visão de Félix Guattari e Suely Rolnik (1986), nós somos atribuídos a um corpo nas sociedades industriais desenvolvidas; somos produzidos para sermos capazes de desenvolvê-lo em um determinado espaço social, um espaço produtivo do qual seríamos responsáveis:

Existem outros sistemas antropológicos onde essa noção de corpo individuado não funciona do mesmo modo; aliás, nesses lugares, a própria noção de corpo, de corpo natural não existe enquanto tal. O corpo arcaico, por exemplo, nunca é um corpo nu, ele é sempre um subconjunto junto de um corpo social, atravessado pelas marcas do *socius*, pelas tatuagens, pelas iniciações, etc. Esse corpo não comporta órgãos individuados: ele próprio é atravessado pelas almas, pelos espíritos que pertencem ao conjunto dos agendamentos coletivos. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 278)

Ou seja, na Plataforma Onlyfans há um contrato sexual subentendido de corpos falantes, que reconhecem a si mesmos não como “homens” ou “mulheres”, mas, como afirma Preciado (2014), como corpos que falam e reconhecem outros corpos como falantes. Para Takara (2021) em sua pesquisa sobre pedagogias pornográficas, a visão é uma condição do tempo que vivemos, a partir dela sentimos e descansamos sobre o que é visto e apreendido diante de nós. Ou seja, os corpos e práticas podem ser vistos de outro modo, há uma educação destes corpos e práticas. Assim, a imagem apreendida a partir da plataforma Onlyfans pode tornar-se fetiche, gerando sentidos de potência, desejo e excitação.

A SOCIEDADE EXCITADA E AS PORNOTOPIAS

O gozo tornou-se um imperativo na cultura urbana atual, atravessado e mediado por tecnicidades – aquilo que “[...] na sociedade não é só da ordem do instrumento mas também da ordem da sedimentação de saberes e da constituição das práticas” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 235) –, gozar parece ser o foco de uma sociedade estimulada, excitada (TÜRCKE, 2010), bombardeada por estímulos audiovisuais, pelas audiovisualidades para sermos mais precisos. Nesse contexto, o OnlyFans passa a ser um fractal por meio do qual podemos visualizar essa sociedade escrava do gozo e entender algumas engrenagens que movimentam o desejo, as sensações do indivíduo urbano contemporâneo.

De acordo com o filósofo Christoph Türcke (2010), vivemos num estado permanente de inquietude geral, de excitação, de efervescência, criados pelos meios de

comunicação de massa, mais especificamente com a chegada da televisão em meados do século XX, que contribuiu para um frenesi das sensações. O audiovisual passou a operar como uma injeção multissensorial em que imagens e sons criaram instantaneamente uma atmosfera de conforto, ânsia ou inveja, atuando no campo da semiótica dos afetos.

O OnlyFans opera em uma ética contemporânea na qual “quem não chama a atenção constantemente para si, quem não causa uma sensação corre o risco de não ser percebido” (TURCKE, 2010, p.37). Nesse sentido, vemos vários perfis com fotos e vídeos de pessoas nuas dotadas de corpos esculpidos por hormônios, procedimentos estéticos, cirurgias plásticas, dietas e academias mostrando *nudes*, vídeos de masturbação e, em alguns casos, sexo explícito. Podemos citar como mais um exemplo o caso do brasileiro residente em Londres, Diego Barros, que em 2021 faturou 1 milhão de dólares, cerca de 5,6 milhões de reais, em apenas oito meses. Ao assinar o perfil do rapaz, por volta de 75 reais mensais, o usuário tem acesso às fotos e aos vídeos íntimos compartilhados por Diego. O brasileiro atualmente trabalha também como *stripper* em casas noturnas de Londres. Em entrevista ao site UOL Diego declarou em 2021:

Tinha a meta de conseguir o milhão, mas veio muito antes do que pensava. Já mato a vontade de todo mundo fazendo vídeos solo. Eu uso brinquedinhos, masturbadores. Está fazendo sucesso! Muitos amigos já falaram que existe um mistério ao me ver sozinho, um gostinho de quero mais. Recebo convites de pessoas do ramo pornô, mas não aceitei. Mas é aquilo: nunca diga nunca!... (PALOMARES, 2021).

Diego com seu corpo trabalhado em salas de musculação chama atenção dos seus assinantes pelo seu pênis de 24 cm e suas performances sensuais/eróticas no OnlyFans. O caso de Diego é um exemplo claro da ética do “chamar atenção”, de “causar uma sensação”, de “provocar excitação” em seus usuários. A emissão, o ser percebido é condição existencial:

Emitir quer dizer tornar-se percebido: ser. Não emitir é equivalente a não-ser - não apenas sentir o *horror vacui* da ociosidade, mas ser tomado da sensação de simplesmente não existir. Não mais apenas: “há um vácuo em mim”, porém “sou um vácuo” - de alguma forma “ai”. [...]. A lei básica de uma nova ontologia: quem não transmite não está “ai”. Não irradia nada (TÜRCKE, 2010, p. 45).

Nesse sentido, o OnlyFans funciona como uma lente para enxergamos a cultura urbana. Alimentados por esse império da sensação e do gozo desenfreado, consumimos e somos consumidos/devorados por imagens (*nudes* e sexuais), vivendo em uma era da iconofagia (BAITELLO JR, 2014).

De acordo com Rocha (2010), as imagens possuem uma “alma irônica” e nos olham, e nós, espectadores, somos seu vício e elas o nosso destino fatal. Para a autora, no capitalismo tardio, a lógica audiovisual é paradigmática no que toca às políticas de significação contemporâneas e o “fazer ver” relaciona-se assim ao “fazer sentido”, ou, antes, ao “fazer sentir” inerente aos processos de estetização da vida cotidiana. O OnlyFans, nesse contexto, atua no acionamento e explosão de uma estesia mediada pelo corpo e por dispositivos tecnológicos, o “fazer-sentir” é imperativo, é pressuposto, condição de vitalidade.

Com a aceleração tecnológica dos dias de hoje, onde nossa subjetividade é criada por algoritmos, poderíamos falar de uma “sensação algorítmica”? Uma sensação mediada por “*black mirrors*”⁵ que modulam nossa existência condicionada à percepção: para existir é preciso ser percebido. Ser alguém ou ser percebido passa pela lógica algorítmica. Nesse sentido, o OnlyFans funciona no campo desse *ethos* existencial estésico, se por um lado as pessoas que vendem conteúdo pornográfico/erótico precisam ser notadas para ganharem visibilidade e excitar, por outro lado os assinantes dos conteúdos se tornam cada vez mais dependentes de sensações, dos estímulos, do gozo. Precisamos chamar atenção para não sucumbir. TÜRCKE fala da *sensation seeking*, que é uma vontade de sentir a si próprio, de certificar-se que existe. Há uma necessidade e dependência de/por sensações novas, complexas e variadas.

As sensações criam que agitadamente tomam o organismo, fazendo-se sentir em todas as suas fibras, e que parecem dar-lhe de volta a percepção subtraída, o sentimento pleno de si, são precisamente aquelas que anestesiavam. [...]. A dose atual de imagens e sons de pessoas feridas, desfiguradas, aterrorizadas, fugindo de algo, sem roupa, as cenas de assassinato e de sexo, que já representam a normalidade no cenário dos programas, praticamente não mais podem ser percebidas senão como uma preparatória para novas doses aumentadas de excitação (TÜRCKE, 2010, p.68).

⁵ Referência à série de televisão britânica ontológica de ficção científica criada por Charlie Brooker e focada em temas obscuros e satíricos que examinam a sociedade moderna, particularmente a respeito das consequências imprevistas das novas tecnologias. O nome *black mirror* é uma referência às telas dos *smartphones*, televisões digitais, computadores, *laptops*, *tablets* e dispositivos eletrônicos de forma geral.

O OnlyFans, ao operar por meio das audiovisualidades, funciona não somente como um exemplo dessa busca desenfreada por sensações, mas também uma pornotopia contemporânea por meio da qual outras formas de sentir são acionadas e capitaneadas pelo capitalismo de plataforma e pelo capitalismo Farmacopornográfico. Como já dito anteriormente, o OnlyFans incita uma nova pedagogia sexual para o espaço doméstico, privado, uma pornotopia em que “tudo é permitido”, contudo que haja assinantes para consumir o produto erótico/pornográfico.

A pornotopia, entendida enquanto um contra-espço de prazer em que espaço, sexualidade, prazer e tecnologia estão imbricados, aciona outras formas de pensar e viver o gênero e a sexualidade (PRECIADO, 2020). O OnlyFans, por exemplo, abraça não apenas corpos cisgêneros mas também corpos trans, como é o caso da modelo Alina Dörzbacher que em 2020 durante a pandemia resolveu aderir à plataforma como forma de ganhar dinheiro. Aline declara em entrevista para o site da Globo:

Ali no site eu tinha maior autonomia com meu corpo, embora os números que uma pessoa trans levante em uma plataforma sejam bem diferentes comparados a uma pessoa cis. Mesmo você estando entre os tops, sempre vai ganhar menos que uma pessoa cis. Não importa o quanto eu me empenhe em fazer um bom conteúdo, use uma boa luz, tenha um bom iPhone, eu sempre estarei atrás. Essa desigualdade me deixa um pouco chocada. No entanto, no pornô, no conteúdo adulto, as pessoas trans podem existir sem tanta discriminação em relação ao mundo de fora, onde você vai tentar achar um emprego e não consegue, por mais qualificada que seja. No mundo da pornografia isso é mais viável, porém, ainda existe essa desigualdade grande (TELLES, 2021).

Apesar de ter diversos corpos cisgêneros ocupando a plataforma expondo cenas de masturbação, masculina, feminina, sexo a dois, a três, grupal, sexo gay, sexo lésbico, o OnlyFans também abraça perfis de pessoas trans mostrando sexo entre elas, sexo entre trans e cis, uma diversidade de conteúdos. A rede social não apenas reforça estereótipos de corpo e de gênero, mas também um espaço pornotópico em que regras são burladas e prazeres dissidentes são evocados. Preciado (2020) classifica em variados tipos as pornotopias: de proliferação, de resistência, subalternas, restrição, transição e localizadas (caso do OnlyFans).

As pornotopias localizadas, como as cabines pornô, os *peep-shows*, os clubes de trocas de casais, os *dungeons* sadomasoquistas, os *love hotel* japoneses... inclusive aquelas que se deixam entrever através dos anúncios de jornal ou que, sem outra localização além da virtual em e através dos espaços cibernéticos (PRECIADO, 2020, p.126-127).

O local é nossa tela do celular, *tablet*, *notebook*, em que dispositivos digitais, algoritmos, corpos, sensações, excitações, imagens, audiovisualidades constroem e agenciam a partir dessa plataforma, uma arquitetura sexual radicada nas redes sociais e na mobilização de outros agenciamentos e de diferentes semióticas, fomentando uma pluralidade de saberes a partir do corpo, do sexo e da tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme situado ao início, se nossa intenção primeira com este texto era *problematizar* OnlyFans, alcançamos ao final uma série de nuances, camadas e até mesmo contradições que caracterizam os usos da plataforma. Ao mesmo tempo em que se deseja estar nesse espaço para ter seu corpo e sua existência notados, há a pressão de se estar aí pela necessidade do dinheiro para sobrevivência. Ao mesmo tempo em que se está corroborando com a objetificação de corpos expostos para consumo imagético, estar aí pode ser também um espaço de empoderamento (pelo simples fato de poder estar, o que seria impossível de acontecer em uma revista *mainstream*), de aceitação de corpos que fogem do padrão e de possibilidades de exploração das sexualidades.

Com a mediação da tecnologia digital, presenciamos a consolidação de novas sensibilidades e hábitos no que tange à produção e ao consumo da pornografia e do erótico; tendo Onlyfans como um dos agentes centrais. Assim, o que se extrai de todo o panorama traçado são os potenciais usos que vêm sendo feitos do OnlyFans, por parte de usuários e, sobretudo, por parte dos criadores de conteúdo. Isso sem perder de vista o fato de que a plataforma é um espaço de labor para estes, que é ao mesmo tempo fruto e semente que retroalimenta a lógica da precarização do trabalho.

Por fim, nossas hipóteses de pesquisa se confirmam: OnlyFans apresenta-se tanto como uma possibilidade pornotópica (PRECIADO, 2020) quanto resultado de uma busca desenfreada por uma explosão de sensações, *sensation seeking* (TÜRCKE, 2010), ao colocar o gozo como um imperativo da cultura. Mas também o andamento da

pesquisa nos suscitou novos questionamentos: há nesse espaço o consumo audiovisual de corpos dissidentes? Para além da ética do prazer, estes corpos situam as práticas na plataforma no campo da audiovisibilidade?

REFERÊNCIAS

BAITELLO JR, Norval. *A era da iconofagia* - Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: PAULUS Editora, 2014.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacque e VIGARELLO, Georges. *História do Corpo: Da Revolução à Grande Guerra*. 3.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GODOI, Giovana. 'Meu ganha-pão gera prazer': O que é camming e como é o sexo pelas câmeras. *Universa UOL*, 01 out. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/10/01/meu-ganha-pao-gera-prazer-o-que-e-camming-e-como-e-o-sexo-pelas-cameras.htm>. Acesso em: 16 ago. 2023.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

NEIVA, Leonardo. Da pornografia às camgirls: liberdade sexual ou novas prisões?. *Gama Revista*, 18 jun. 2023. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/voce-e-livre/pornografia-camgirls-liberdade-sexual-nova-s-prisoos-onlyfans/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

NORONHA, Marcos. OnlyFans dos famosos vão de 25 até 100 reais; veja mais caros e mais baratos. *GShow*, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/onlyfans-dos-famosos-vao-de-25-ate-100-reais-veja-mais-caros-e-mais-baratos.ghtml>. Acesso em: 16 ago. 2023.

PALOMARES, Daniel. Usa viagra? Brasileiro que ganhou R\$ 5,6 milhões no OnlyFans conta segredos. *Splash UOL*, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/11/25/diego-barros-quem-e-o-brasileiro-que-faturou-r-56-milhoes-no-onlyfans.htm>. Acesso em: 16 ago. 2023.

POLO, Rafaela. Jogadora de vôlei fala sobre lucro com OnlyFans: 'Nunca vi tanto dinheiro'. *Universa UOL*, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/07/20/se-fosse-valorizada-nao-buscari-outra-fonte-de-renda-diz-key-alves.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 16 ago. 2023.

PRECIADO, Paul. *Pornotopia: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

REDAÇÃO STARTUPS. Como o OnlyFans pretende ir além do conteúdo adulto? *Startse*. 04 maio 2023. Disponível em:

<https://www.startse.com/artigos/onlyfans-pretende-ir-alem-do-conteudo-adulto/>. Acesso em: 07 jul. 2023.

ROCHA, Rose de Melo. Políticas de visibilidade como fatos de afecção: Que ética para as visibilidades?. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 199-206. setembro/dezembro 2010.

_____. É a partir das imagens que falamos de consumo: reflexões sobre fluxos visuais e comunicação midiática. In: CASTRO, Gisela Granjeiro da Silva; BACCEGA, Maria Aparecida (orgs.). *Comunicação e consumo nas culturas locais e global*. São Paulo: ESPM, 2009. p. 268-293.

_____; ZACARIOTTI, Daniel. Autoria deslocada e audiovisualidades engajadas em "Bixa Travesty". *Rebeca*, 19, n.1, jan-jun 2021.

SOBRE. *OnlyFans*. Disponível em: <https://onlyfans.com/about>. Acesso em: 07 jul. 2023.

TAKARA, Samilo. *Pedagogias pornográficas: sexualidades educadas por artefatos da mídia*. *Revista Brasileira de Educação*, v.26, 2021.

TELLES, Renata. Modelo reflete sobre conteúdo explícito no OnlyFans: "Não me sinto discriminada na plataforma [por ser trans], mas na moda me sinto a minoria". *Glamour*, 25 ago. 2021. Disponível em: <https://glamour.globo.com/lifestyle/noticia/2021/08/modelo-reflete-sobre-proibicao-de-conteudo-explicito-no-onlyfans-nao-me-sinto-discriminada-na-plataforma-por-ser-trans-mas-na-moda-m-e-sinto-minoria.ghtml>. Acesso em: 16 ago. 2023.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada - filosofia da sensação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.